

Valor Econômico, 22 de março de 2021

Presidente reacende debate sobre papel social da estatal

Busca de lucratividade e atender interesses públicos faz parte de discussão histórica sobre Petrobras

Por: André Ramalho, Gabriela Ruddy e Rafael Rosas

Ao interferir na troca do comando da Petrobras, em favor de uma estatal com “visão social”, o presidente Jair Bolsonaro reacendeu um debate sobre qual é, afinal, a função social da petroleira - gerida, em 67 anos, por grupos de diferentes pensamentos econômicos.

A Petrobras é uma empresa de economia mista, controlada pela União, mas com 63,25% do capital social nas mãos de investidores. A dicotomia entre buscar a lucratividade e atender aos interesses públicos está refletida no próprio estatuto da petroleira, que diz que ela é regida pelas normas de direito privado, mas pode, desde que ressarcida por isso, assumir compromissos “em condições diversas às do setor privado”.

O diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires, defende que a função social da Petrobras, como a de qualquer empresa, é gerar lucro e, assim, conseguir pagar mais impostos ao Estado e distribuir mais dividendos aos acionistas, incluindo a própria União. O lucro da estatal em 2020, por exemplo, rendeu R\$ 129 bilhões em tributos e participações governamentais e R\$ 10,3 bilhões em dividendos. “É possível criarmos políticas públicas com os dividendos. Quando usamos a Petrobras para políticas populistas, quase quebramos a empresa e foi ruim para todo mundo”, afirma.

Sobre a alternância histórica das concepções liberais e estatistas no setor, o exdiretor-geral da Agência Nacional de Petróleo (ANP) Décio Oddone cita que os momentos de maior crescimento da produção nacional foram seguidos de experiências de abertura. O executivo alega que, embora o desenvolvimento tecnológico na bacia de Campos tenha ocorrido nos anos 1980, antes do fim do monopólio, os avanços só foram possíveis a partir da

internacionalização da Petrobras. Segundo ele, o contato com tecnologias e práticas mais modernas no exterior serviu de escola para técnicos da estatal.

“Por outro lado, a última grande crise da indústria no Brasil foi reflexo do fechamento, de o país ter ficado cinco anos sem leilões e ter criado o monopólio da Petrobras na operação do pré-sal”, opinou.

Do outro lado de debate, existe uma corrente de viés mais desenvolvimentista e que defende uma Petrobras capaz de oferecer à sociedade preços mais módicos e contribuir com mais investimentos, para geração de emprego e renda. Foi essa linha que a empresa seguiu nos governos do PT, ao assumir um papel de indutor da indústria naval, por exemplo.

A geofísica Rosângela Buzanelli, representante dos trabalhadores no conselho da Petrobras, destaca que a empresa assumiu um papel desenvolvimentista importante na história, mas que a gestão da petroleira, hoje, tem um olhar voltado, desproporcionalmente, para o “lucro máximo” aos acionistas.

“Não falo em nome do conselho, mas, na minha opinião, a Petrobras pode oferecer mais ao Brasil do que dividendos. A descoberta do pré-sal, por exemplo, só foi possível porque ela assumiu riscos que empresas privadas não assumiriam. A busca pelo lucro máximo tem um custo social absurdo. É claro que conciliar os interesses dos diferentes “stakeholders” numa empresa de economia mista é um dilema, mas é possível buscar um preço justo para os combustíveis que dê lucro, mas não penalize tanto o consumidor. A questão é que a relação entre os diferentes “stakeholders” está desbalanceada, em favor dos acionistas.”

Para o ex-diretor da ANP, Hélder Queiroz, a dicotomia entre Estado e mercado no setor de óleo e gás é “burra”. “Em energia, vai ser sempre Estado e mercado”, disse o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em evento.

O ex-secretário de Óleo e Gás do Ministério de Minas e Energia Márcio Félix defende que o papel social de uma empresa pode variar de acordo com o contexto. “Na Europa, existe uma pressão social forte sobre a presença das petroleiras na transição energética. Em alguns países apenas

gerar emprego e pagar impostos já é suficiente. No Brasil, onde há um abismo social, as necessidades são outras.”

Para o analista da Ativa Ilan Arbetman, as mudanças frequentes na administração da estatal dificultam a formação de uma cultura própria e na continuidade de projetos. “O mercado reage a isso aumentando o custo do capital.”

Fonte original:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/03/22/presidente-reacende-debate-sobre-papel-social-da-estatal.ghtml>